

AQUILOMBAMENTO ACADÊMICO: um reflexo na clínica

RAFAELLA STHEFANY PEREIRA ARAUJO¹
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

NÚBIA REGINA MOREIRA²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Resumo:

Este relato possui o objetivo de compartilhar a experiência da estudante de Psicologia no grupo de estudos sobre Feminismo Negro vinculado ao grupo de Pesquisa Oju Obirin - Observatório de Mulheres Negras e, a partir disso, demonstrar como as partilhas feitas com o grupo contribuíram nos atendimentos psicológicos realizados pela discente. Para desenvolver a temática, buscou-se detalhar as dinâmicas do grupo de estudo, bem como optou-se em compartilhar um caso clínico para que fosse possível ilustrar os reflexos do encontro desses dois aspectos. Também foi apresentado o conceito de Aquilombamento para que fosse possível compreender o quão potencializador pode ser o fortalecimento de vínculo entre pessoas pretas. Assim, utilizou-se o estudo de caso que foi realizado na disciplina Práticas de Intervenção Comportamental e Cognitiva, no qual trata-se de uma mulher negra de 37 anos (C.) que, em um primeiro momento, as queixas principais estavam relacionadas a problemas de autopercepção, autoestima baixa, solidão e problemas com a irritabilidade. Por fim, a discente constata a importância do aquilombamento acadêmico para a construção da sua clínica enquanto futura psicóloga.

Palavras-chaves: Aquilombamento. Clínica. Mulher negra.

1467

Introdução

O presente relato debruça-se na experiência da discente no grupo de estudo sobre Feminismo Negro vinculado ao Grupo de Pesquisa Oju Obirin- Observatório de Mulheres Negras, e como esse processo de agrupamento e fortalecimento de pessoas negras vem contribuindo para a construção da prática da discente, em quanto estudante de Psicologia. Desse modo, serão relatadas as vivências dentro do grupo de estudo juntamente com a experiência que a discente teve ao atender na disciplina de Práticas de Intervenção Comportamental e Cognitiva. A prática foi realizada na Clínica-escola do Núcleo de Práticas Psicológicas da UESB (NUPPSI).

A discente é uma mulher negra que, ao longo da trajetória acadêmica busca estudar, refletir e problematizar temáticas relacionadas a negritude e feminismo negro, contudo essa procura surge a partir de um caráter pessoal, tendo em vista que, durante os semestres, os

¹ Graduanda no curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

² Doutora em Sociologia, Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED-UESB) e Líder do Grupo de Pesquisa Oju Obirin Observatório de Mulheres Negras.

assuntos envolvendo a população negra, mesmo que abordado em algumas disciplinas, foram apresentados como temas secundários. Por conta dessa necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre negritude, a estudante buscou outros caminhos para além das disciplinas do curso de Psicologia. Assim, atualmente, faz parte do grupo de pesquisa Oju Obirin-Observatório de Mulheres Negras, orientado pela professora Núbia Regina Moreira.

Segundo Veiga (2019), os currículos do curso de psicologia nas universidades do Brasil possuem o colonialismo como base, ou seja, a grande maioria do repertório é constituído por autores homens-brancos-europeus. Desse modo, compreende-se que os conceitos criados e estudados para o manejo da subjetividade, são pensados para a branquitude. Com isso, percebe-se que essa centralização do conhecimento é um produto do colonialismo, bem como intensifica a manutenção do racismo dentro do meio acadêmico e dentro da própria clínica. Partindo dessa contextualização, nota-se que há uma invisibilização da subjetividade negra dentro do curso e isso reflete na falta de repertório dos docentes e dos discentes para um atendimento clínico qualificado para essa população.

Dessa forma, ao compreender as dinâmicas coloniais que estão entranhadas dentro das instituições de ensino e pesquisa, o aquilombamento acadêmico, surge com o intuito de articular os discentes negros, bem como enfatizar a necessidade de uma reorganização epistemológica. Assim, entende-se que a movimentação da orientadora em criar um grupo de estudos, no qual possui como eixo central a protagonização de pessoas negras, foi uma estratégia de resistência dentro do meio acadêmico. De acordo com, Oliveira et al. (2021, p. 7), a noção de quilombo emerge como uma estratégia “[...] de convivência relacionada às mobilizações de resistência impetradas pelas populações africanas ao longo da história do Brasil e as ações contínuas, vinculadas às sociabilidades afro-diaspóricas, de oposição aos projetos de dominação”. Os autores ainda colocam que promover o aquilombamento é criar movimentos decoloniais que irão ressignificar de forma consciente os mecanismos de dominação, além de gerar fatores que irão impactar e potencializar a experiências dos sujeitos no meio acadêmico. Pensando de forma, entende-se como o aquilombamento acadêmico, que acontece no grupo de estudos, está instrumentalizando a discente para a construção de uma clínica decolonial.

Para a exemplificação de como essas duas áreas, o grupo de estudo e a prática em Psicologia, se relacionam, a discente irá apresentar o caso de uma mulher negra (C.) de 37 anos, enfermeira, que é mãe solo de uma adolescente de doze anos de idade. No primeiro momento as queixas principais estavam relacionadas a problemas de ansiedade, autopercepção, autoestima baixa, solidão e problemas com a irritabilidade. Após a apresentação dessas

demandas, devido um processo de identificação, a discente percebeu que as falas de C. poderiam trazer aspectos relacionados aos reflexos do racismo. Devido a essa perspectiva, a estudante buscou durante todo o processo de psicoterapia ter uma escuta crítica e sensível, tendo em vista que a cliente tinha os recortes raciais e de gênero.

Metodologia

O grupo de estudos acontece quinzenalmente e possui o intuito de apresentar e aprofundar os conhecimentos sobre autores e autoras negras, bem como desenvolver pesquisas relacionadas à negritude e gênero. A discente compõe esse núcleo de estudo desde 2023 e ao longo dessa trajetória estudou sobre diversos autores como: Gonzalez (2020), Souza (2021), Munanga (2017) e Bento (2022).

Para o desenvolvimento desse relato, o caso escolhido foi de uma mulher negra de 37 anos que chegou com a queixa inicial relacionada a fortes crises de ansiedade e problemas envolvendo a autopercepção. Esse atendimento ocorreu na disciplina de Práticas de Intervenção Comportamental e Cognitiva e desenvolveu-se em quatro atendimentos de cinquenta minutos. Mesmo tendo a necessidade de utilizar a Terapia Analítico-Comportamental como base para os atendimentos devido o objetivo da disciplina, a estagiária não se limitou nas referências, bem como resgatou as discussões e experiências que obteve no grupo de estudo sobre Feminismo Negro. Assim, ao longo do processo de psicoterapia foram desenvolvidas técnicas e manejos que possibilitaram um espaço acolhedor, bem como uma escuta crítica tendo em vista que C. é uma mulher negra e que haviam possibilidades desses recortes serem encontrados no seu discurso.

Para o fim específico deste relato, que é fazer uma relação dos estudos sobre negritude com o desenvolvimento dos atendimentos psicológicos, a descrição e as discussões do caso irão focar em momentos no qual a discentes conseguiu perceber e desenvolver essa relação entre esses dois aspectos.

Descrição e discussões

Grupo de estudo

O ingresso da estudante de Psicologia no grupo de estudos sobre Feminismo Negro ocorreu no começo de 2023 devido uma necessidade em conseguir desenvolver pesquisas relacionadas a negritude e gênero, tendo em vista que a grade curricular do curso não abarcava essas temáticas. Os primeiros textos a serem lidos foram os de Lélia Gonzalez (2020), no livro

“Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos”, no qual foram trabalhados aspectos, como à situação da população negra no Brasil, as dinâmicas que envolvem a vivência de ser uma mulher negra, movimentação das mulheres negras dentro do Movimento Negro e também sobre a mulher negra e o Feminismo.

Um dos aspectos que mais se destacaram para a discente nessas leituras iniciais foi quando Gonzalez (2020) discorreu sobre consciência e memória. A autora coloca consciência como o suposto lugar do desconhecido, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até mesmo do saber. Em contrapartida, a memória seria o lugar do não saber que conhece, ou seja, um espaço no qual há uma emergência da verdade, de uma verdade que se constitui por meio de uma ficção, assim a consciência tende a excluir aquilo que a memória inclui (GONZALEZ, 2020). Desse modo, “[...] na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade” (GONZALEZ, 2020, p. 70). Por meio desses conceitos, pode-se perceber como o processo de esvaziamento da memória da população negra surge como mecanismo para estabelecer essa verdade fictícia que é imposta pela consciência. Partindo disso, compreende-se quando a autora coloca que:

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha é malandro, e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. (GONZALEZ, 2020, p. 69)

Após essas primeiras discussões, a orientadora estabeleceu um calendário de leituras a serem desenvolvidas durante o segundo semestre do ano. Essas leituras se iniciaram com o texto da Patricia Katzer (2017), chamado “Como pensar uma epistemologia feminista: surgimento, repercussões e problematizações”. Katzer (2017) coloca que a Epistemologia Feminista teve o seu surgimento dentro do campo da Epistemologia Social e que ela se preocupa em investigar os papéis de gênero que podem ser observado nas diversas atividades epistêmicas. Assim, a autora também coloca que há uma crítica dentro das teorias com bases feministas sobre o sujeito cartesiano, isto é, esse sujeito que é purificado e que nega o corpo, na perspectiva feminista, seria um sujeito europeu e branco. Desse modo, entende-se que “as feministas reivindicam o corpo, pois assumem que o conhecimento é possível ao sujeito corporificado” (KATZER, 2017, p. 97). Partindo desse pressuposto, nota-se que a construção desse sujeito cartesiano que

não é constituído por um corpo, o coloca em um lugar de autoridade, no qual essa descorporificação o isenta de qualquer erro.

Em continuação, para um maior detalhamento sobre o Feminismo Negro, utilizou-se as seguinte bibliografias: “O Feminismo Negro em Construção: a Organização das Mulheres Negras no Rio de Janeiro” de Lemos (1997), “A organização das Feministas Negras no Brasil” de Moreira (2018) e “Feminismo Negro Brasileiro: Igualdade, diferença e representação” de Moreira (2007). A partir dessas literaturas foi possível compreender melhor acerca da formação do Movimento Negro no Brasil, mas também como a mulher negra se relaciona com tal movimento. Para além disso, houve um entendimento mais aprofundado acerca dos aspectos de organização de mulheres negras, bem como sua relação com a vertente tradicional do Feminismo. Assim sendo, Moreira (2007), coloca que o Movimento de mulheres negras surge como fruto da intersecção entre dois espaços, o movimento negro e o feminista, mas para além disso, é um espaço de tensão acerca das especificidades das mulheres que são provenientes das urgências relacionadas as demandas étnico-racial e de gênero.

Ao finalizar esse eixo, o grupo iniciou as literaturas acerca dos processos de subjetivação e racialização, que teve como referência: “Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro” de Souza (2021) e “As ambiguidades do racismo à brasileira” de Munanga (2017).

Munanga (2017), coloca que o racismo é um fenômeno que está presente nas sociedades que são contemporâneas, além de ser latente na cultura, nas instituições e também no cotidiano das relações entre os indivíduos. O autor argumenta que ainda há uma reafirmação de que no Brasil não existe racismo pelo fato dele se apresentar de forma implícita, ou seja, esse fenômeno, no Brasil, não foi institucionalizado ou oficializado como foi em outros territórios e isso abre um respaldo para que propaguem o mito da democracia racial. Em continuação, Munanga (2017) afirma que um dos aspectos que caracteriza o racismo no Brasil é o silêncio, o não dito. O autor coloca que o racismo no Brasil seria “um crime perfeito”, isto é, além de matar, ele despreza a consciência das vítimas e da sociedade como um todo. Além disso, o racismo no Brasil funciona para desmobilizar as vítimas ao ponto de diminuir a sua coesão, quando os dividem entre negros e pardos. Assim, cria-se uma dificuldade entre os pardos no processo de formação de sua identidade ao ponto de muitos preferirem a ideia de branqueamento, na qual iria oferecer vantagens que são direcionadas para a branquitude (MUNANGA, 2017). Seguindo essa linha, Souza (2021) apresenta o “mito negro”, que diferente das características do mito que foram desenvolvidas ao longo das sociedades, esse

mito que tem a função de naturalizar e cristalizar certos tipos de relações sociais, o mito negro rompe com a identificação e impõe ao indivíduo uma marca do insólito, do diferente, isto é, o negro é “diferente”, inferior e subalterno ao branco. Desse modo, Souza (2021) complementa que, para afirmar-se ou até mesmo para negar-se, a pessoa negra coloca o branco como marco referencial. Assim, o mito negro é colocado como irracional, feio, ruim, sujo, sensível e exótico, mas além disso, o negro começou a acreditar nesse mito e passou a se enxergar com os olhos e a falar a linguagem daqueles que o querem dominar (SOUZA, 2021).

Seguindo a última parte do cronograma, finalizou-se com o eixo Negritude e Branquitude a partir do Brasil. As literaturas escolhidas foram: “Homo Modernus: para uma ideia global de raça” de Silva (2022) e “O pacto da Branquitude” de Bento (2022). Algo interessante que se desenvolveu ao longo dessas leituras foi em relação à fragilidade da branquitude. Bento (2022) aponta que o estresse racial é intolerável para as pessoas brancas, isto é, ao serem colocados no lugar de debate racial eles tendem a reagir de forma defensiva, bem como a responder com medo e raiva. Além disso, a autora coloca que há uma necessidade de racializar a branquitude tendo em vista que as pessoas brancas se veem e são vistas como seres universais.

Além das leituras realizadas, é importante ressaltar as relações e as trocas potencializadoras de experiências que são desenvolvidas a cada encontro. Dentro do grupo, foi possível criar um espaço acolhedor que possibilitou a estudante se sentir pertencente, e também contribuiu na construção de repertório que a auxiliaria ao longo das suas práticas dentro do curso de Psicologia.

Caso- C.

A primeira sessão foi direcionada por meio de uma entrevista para conseguir colher informações importantes das demandas da cliente. Contudo, C. chegou eufórica e com bastante necessidade de falar, por conta disso, optou-se por fazer poucas intervenções. Esse direcionamento, de uma escuta mais acolhedora, ocorreu pelo fato da discente compreender que um dos mecanismos do racismo é o silenciamento em diversos aspectos da vida de uma pessoa negra. Com isso, observou-se que a necessidade de falar se apresentou de forma latente dentro da sessão.

Assim que o atendimento começou foi perguntado o porquê dela ter vindo. A mulher relatou que estava tendo problemas de autoestima e que não conseguia se perceber nos ambientes. A discente perguntou se ela já tinha sentido isso em outros momentos da vida, em

resposta C. afirmou que isso surgiu desde a infância quando era vista como o patinho feio da turma, bem como quando os colegas faziam críticas relacionadas ao seu cabelo. Nesse momento, a estudante relembrou episódios semelhantes que viveu em sua adolescência e por conta desse atravessamento, a discente percebeu que assim como essa, possivelmente outras demandas, teriam o racismo como pano de fundo. Desse modo, naquele momento, tomou-se a decisão de fazer uma escuta sensível e crítica a essas questões, tendo em vista que quem estava à frente da estudante era C., uma mulher preta. Devido a experiências pessoais e o repertório construído nos encontros do grupo de estudos, a estagiária compreendeu, na prática, que não há neutralidade quando entende-se que “[...] ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (GONZALEZ, 2020, p. 50). Assim, observa-se como foi importante para a discente ter contato com intelectuais negros da área da psicologia. Ter tido acesso a essas escritas e estudos a possibilitou ter um olhar mais aguçado para racializar a psicologia, bem como racializar a própria prática. Por conta disso, a estagiária compreendeu que a escuta e a prática estão diretamente ligadas a quem ela é enquanto indivíduo, bem como os seus repertórios de vida e acadêmicos. Finalizando a sessão, a cliente relatou que era mãe solo e que tinha passado por um relacionamento tóxico com o pai da filha. Também disse que tinha problemas em se posicionar e que se sentia invisível nos ambientes. Foi perguntado como era essa sensação de se sentir invisível e se isso era recorrente em sua vida. A atendida respondeu que acreditava que não era percebida pelas pessoas e que sentia isso desde muito nova.

Ao longo das sessões, notou-se que C. estava implicada no processo e que conseguiu organizar, na medida do possível para ela, o que queria ser dito durante os atendimentos. Além disso, C. conseguiu desenvolver sobre os aspectos relacionados à aparência e reafirmou as diversas vezes que sofreu preconceito por conta do cabelo crespo. A atendida ainda complementou acerca da relação com a filha de 12 anos que é conflituosa, bem como afirmou que a maternidade a deixa desgastada pelo fato dela perceber que perdeu sua individualidade após tornar-se mãe.

Contudo, na quarta e última sessão de atendimento, na qual estava destinada para finalização, C. entrou na sala com um semblante que misturava tristeza com raiva. A estagiária percebeu que a atendida estava inquieta quando a entrada na sala de atendimento se fez urgente. Assim que entrou, C. imediatamente relatou que estava muito abalada por uma situação que ocorreu na escola em que a filha estuda. Foi dito que a professora da filha selecionou apenas as

crianças pretas para fazerem parte de um debate que defenderia Hitler. Uma das adolescentes sinalizou que não queria defender um racista e a professora falou que era para ela “virar branca”. Esse acontecimento mudou toda a rota da sessão tendo em vista que a atendida mostrou-se extremamente revoltada com a situação e a partir disso, começou a relatar episódios de racismo que já sofreu ao longo da vida. Assim, C. trouxe uma episódio no qual estava conversando com sua vizinha (mulher branca) sobre tipo de sangue e a vizinha sinalizou que era O- que é o mesmo tipo sanguíneo da filha da atendida (adolescente branca). Em seguida, a vizinha começou a falar que o sangue delas era especial, seletivo e de realeza. Foi relatado que essa fala gerou muita dor para a cliente, que ficou revoltada e em seguida desabafou com uma colega de trabalho dizendo que o sangue dela tem o sangue do avô (homem negro): “aqui tem o sangue do meu avô”. Durante o relato desse episódio, a atendida chorou em alguns momentos e foi possível notar o quão doloroso foi lembrar dessa situação. Após esse momento, ocorreu algo interessante, C. afirmou, pela primeira vez ao longo das sessões, que se considera uma mulher negra, contudo disse que às vezes sente medo de falar porque não tem seus cachos assumidos e por ter a pele mais clara. Essa fala da atendida lembrou a estudante quando Munanga (2017) diz que o racismo possui esse mecanismos de desmobilizar a vítima e que essa divisão entre negros e pardos diminui a coesão que é tão importante para o fortalecimento da população. Assim, entende-se que esse medo de C. em se reafirmar uma mulher negra é uma ferramenta do racismo, no qual cria uma ambiguidade que dificulta o processo de formação de identidade e que coloca negros de pele clara em um lugar distante da sua negritude.

Em continuação, ela enfatizou que tem consciência que mulheres negras mais escuras sofrem mais, contudo afirma que já sofreu diversos episódios de racismo, como ser vista como babá da filha e ser hipersexualizada. Nesse momento, a estagiária pontuou que realmente as vivências e as formas de sofrer racismo entre pessoas negras retintas e de pele clara são diferentes, mas que ao observar a fala de C. foi possível perceber que ter uma pele mais clara não a isentou de sofrer episódios violentos de racismo também. Ela aproveitou para dizer que o mundo “está muito doido” e que não entende como uma mulher branca tem mais valor que uma mulher negra. A cliente relatou que é muito “doido” esse processo histórico de que as mulheres negras são para se divertir e que já passou por isso na adolescência. Quando sinalizou isso, a estagiária notou uma alteração no tom de voz de C. e com isso percebeu que ela ficou mais combativa e revoltada. Foi dito pela atendida que nessa fase tinha um menino que todo mundo queria ficar e que ele queria ficar com ela, mas tinha que ser escondido. Depois de um tempo ele insistiu muito para namorar uma amiga dela, que era branca e loira. C. relatou que

foi difícil entender que ele não queria namorar com ela por conta da cor da pele. Anos depois ele casou com uma mulher branca e loira e há uns dois anos atrás começou a mandar mensagens pedindo para se encontrar com ela. A atendida voltou a dizer que, na adolescência, era nítido perceber que ele a queria para “se divertir”. A estagiária perguntou o que C. sentiu quando ele mandou a mensagem e ela afirmou que sentiu muita raiva por ter voltado para aquela situação que aconteceu quando ela tinha 16 anos: “comigo ele queria se divertir e com a loira ele se casou”. Nesse momento, por ser uma lembrança carregada de dor, a mulher chorou mais uma vez e precisou de um tempo em silêncio para conseguir processar o que foi dito. As falas de C. fizeram a estagiária se lembrar de quando Gonzalez (2020, p. 77) diz que “quando chegava na hora do casamento com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava. [...] Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada para “logo apresentar os documentos”. Esse trecho exemplifica como a mulher negra era vista naquele momento histórico, isto é, eram as negras que afloravam o lado sexual do senhor, mas eram as brancas que eram colocadas no lugar de senhora. Ainda nesse fragmento, é possível perceber a antítese em relação a simbologia do ser mulher branca e do ser uma mulher negra. Enquanto as brancas eram vistas como inocentes, frágeis e puras, as negras eram vistas como “a perdição dos homens”, aquela que é objeto sexual. Partindo desse repertório, compreende-se que a vivência de C. possui o racismo como pano de fundo, isto é, esse passado escravocrata e racista continua sendo reforçado ao fazer a manutenção desses estereótipos.

Após essas implicações, a sessão foi direcionada para a conclusão, na qual a estudante fez as colocações de finalização tendo em vista que era a última sessão dos atendimentos da prática na disciplina. A discente entende que seria necessário mais sessões para que fosse possível desenvolver tais questões que foram apresentadas de forma mais explícita nesse último encontro. Além disso, a estudante, mesmo tendo um repertório mais aprofundado sobre negritude e feminismo negro, ainda se sentiu despreparada para lidar com tais demandas ao ponto de sentir-se bloqueada em alguns momentos com medo fazer colocações errôneas. Entende-se que, nos primeiros atendimentos, esse medo de errar faz parte do processo de aprendizagem, contudo a estagiária compreende que a falta de repertório dentro das bibliografias do curso e dessa disciplina, em específico, dificultaram ainda mais esse processo.

Conclusão

Este relato procurou apresentar as conexões, bem como contribuições do grupo de estudo sobre Feminismo Negro, coordenado pela professora Núbia Regina Moreira, na construção da prática em Psicologia da discente. Assim, buscou-se mostrar como o aquilombamento acadêmico refletiu nos atendimentos e nas reverberações das sessões com a paciente C. Para melhor compreensão acerca dessas interdisciplinaridades, a discente fez um tópico apresentando o grupo de estudo, no qual falou sobre os materiais trabalhados e as relações criadas dentro desse espaço e depois fez uma relação desses aspectos com o estudo de caso realizado pela estudante.

De acordo com Oliveira et al. (2021), o entendimento de quilombo dentro do espaço acadêmico surge como uma maneira de organização da vida que tende a contrariar os modos de dominação, opressão e colonialismo racial que são instituídos dentro das universidades. Tendo essa percepção, nota-se como a experiência do aquilombamento possibilitou à discente ampliar sua vivência dentro da universidade, mas principalmente, contribuiu para o desenvolvimento de uma clínica racializada e crítica. Por fim, observou-se também, a importância de fortalecer a ideia de aquilombamento como mecanismo de resistência dentro do espaço acadêmico, que ainda é extremamente embranquecido.

Referências

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KETZER, Patricia. Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Argumentos**, Fortaleza, n. 18, p. 95-106, jul./dez. 2017.

LE MOS, Rosália de Oliveira. **O Feminismo Negro em Construção**: a Organização das Mulheres Negras no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

MOREIRA, Núbia Regina. Feminismo negro brasileiro: igualdade, diferença e representação. **31 Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, 2017. p. 1-22.

MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das Feministas Negras no Brasil**. 2. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2018.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lucia da. ABUD, Cristiane Curi (org.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a Psicanalise. São Paulo : Perspectiva, 2017.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de. *et al.* “A coisa tá preta, a coisa tá boa”: aquilombamento no contexto da formação universitária. **Revista UFG**, Goiânia, v. 21, n. 27, 2021.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homo Modernus**: para uma ideia global de raça. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

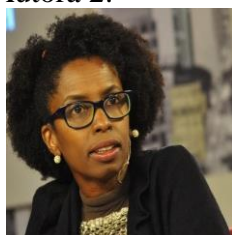
Autora 1:



Rafaella Sthefany Pereira Araújo
Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil
E-mail: rafaellasthep@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6423992468716137>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7305-5005>

1477

Autora 2:



Núbia Regina Moreira
Doutora em Sociologia, Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED-UESB) e Líder do Grupo de Pesquisa Oju Obirin Observatório de Mulheres Negras.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2340040990632743>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6171-6756>